

## A fala freada

*Bernard Seynhaeve*

Uma análise é uma experiência de solidão subjetiva. Ela pode ser levada suficientemente longe para que o analisante seja conduzido a transpor o passo que consiste em isolar radicalmente o Um em relação ao Outro. Gostaria de tentar situar esse momento de virada em minha própria análise.

### **A marca do significante no corpo**

Como o significante se conjuga ao gozo do corpo? Como o sujeito incorpora os significantes de sua história para tratar o gozo do qual ele é objeto? Essa é a questão que atravessou minha análise do início ao fim.

Tomo esta citação conhecida de Lacan: é no encontro das palavras com o corpo que alguma coisa se delinea.

É [...] no *motérialisme* que reside a tomada do inconsciente - quero dizer que o que faz com que cada um não tenha encontrado outro modo de se sustentar não é senão o que, há pouco, chamei de sintoma<sup>1</sup>.

Minha mãe e meu tio estavam apaixonados. Eles iam se casar. Porém, no início da Segunda Guerra Mundial, meu tio foi enviado à linha de frente. Ele foi ferido mortalmente. Contudo, antes de morrer, enviou uma carta a seu irmão Gaston. "Caro Gaston, aqui tudo vai mal. Se eu morrer, ocupe-se dela". Essa injunção anterior ao meu nascimento dará lugar à união de meus pais. Assim, Gaston irá se tornar meu pai.

"Ocupe-se dela" é uma injunção proferida à beira-da-morte. Eu encarnarei então este **L** (a letra L, ou seja, "elle" que, na língua francesa, metaforiza o feminino singular). **L** é o  $S_1$  do qual me apoderei para fazer dele o significante-mestre que presidirá meu destino e que me determinará como ser sexuado. Neste **L** maiúsculo se encarna o ser sexuado que sou e se enlaça o gozo do corpo a um significante primeiro.

### **Do inconsciente transferencial..**

Durante meu ensino de AE destaquei duas interpretações da minha análise. Elas são da mesma natureza dessa injunção proferida à beira-da-morte.

A primeira injunção é interpretada assim: "Você deve me falar de sua castração". Ela inaugurou o tratamento analítico e me precipitou no inconsciente transferencial. Essa interpretação teve como efeito a produção de um sonho que mencionei várias vezes: "Perambulo pelo corredor do refúgio de la Sainte Famille, a maternidade onde minha mãe deu à luz a todos os seus filhos. Esse corredor tem a forma da letra **L**. Sinto uma necessidade premente de urinar. Os banheiros ficam no ângulo do **L**. Penetro nos banheiros e me ponho a urinar. Não posso parar, a privada transborda e acordo a ponto de urinar na cama".

Desse modo, o tratamento se apoiava imediatamente no significante-mestre. Esse sonho inaugural comporta todas as minhas coordenadas subjetivas. O significante-mestre, o objeto, o modo de gozo e a escolha inconsciente do sexo no ângulo da letra **L**.

O tratamento começava por esse mergulho no inconsciente transferencial.  $S_1$ - $S_2$ , a tessitura e a destessitura significante alimentava em mim "a ilusão da verdade".

Era preciso logicamente passar por essa primeira interpretação para aderir à hipótese de Freud, acreditar no inconsciente e entrar no tratamento propriamente dito. Sem isso não há análise.

### **...Ao inconsciente real**

Faço um salto para frente.

Eu teria podido associar livremente ainda por muito tempo. Houve uma segunda interpretação do analista, aquela que permitiu que a análise se detivesse. "Você gosta muito de suas fantasias", muito, demasiadamente. "Já é hora de você se deter", devia eu ter compreendido. Nova injunção. Essa segunda interpretação tocou precisamente neste ponto de junção, o ponto de contiguidade entre  $S_1$  e  $S_2$ . Ela cortou o élan do sujeito na direção do lugar do Outro, ou seja, na direção da suposição de saber e freou duradouramente seu movimento na direção da significação.

Quando [...] o espaço de um lapso já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente<sup>2</sup>.

Jacques-Alain Miller comenta essa frase de Lacan em seu "*Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*". Miller observa que devemos situar aqui [ou seja, quando o lapso não é mais interpretável] "uma dupla barra indicando o corte, a desconexão entre o significante do lapso e o significante da interpretação". Visamos atingir, comenta ele, "sua junção, o laço do famoso  $S_1$  com o famoso  $S_2$ ". Essa frase, continua ele, comporta, se a lemos bem, "que  $S_1$  não representa nada, ele não é um significante representativo. Isso ataca o que consideramos como o próprio princípio da operação psicanalítica, uma vez que a

psicanálise tem seu ponto de partida no estabelecimento mínimo,  $S_1-S_2$ , da transferência"<sup>3</sup>. Embora na precipitação no inconsciente transferencial, a conexão de  $S_1$  com  $S_2$  esteja no princípio mesmo do tratamento analítico, Jacques-Alain Miller dá destaque à desconexão entre  $S_1$  e  $S_2$ . A intervenção do analista deve no fim das contas visar a desconexão entre  $S_1$  e  $S_2$ .

A segunda interpretação determinante tomou o valor de um **pare!** Ela deteve radicalmente a associação livre. Toda associação significativa tomou para mim o valor de gozo da falação. Quando um significante se preparava para ser dito surgia no mesmo instante a fascinação do sentido que ele iria produzir. A intervenção do analista deixou o sujeito abandonado ao significante-mestre a partir do qual tinha sido iniciada a sua análise: a letra **L**. Nela situo a borda do tratamento, o ponto de reviramento da pulsão. Começou então uma nova experiência, a experiência do Um deixado radicalmente sozinho, sem o recurso ao Outro para lhe dar sentido.  $S_1//S_2$ .

O significante-mestre representa um sujeito no momento em que ele se articula ao Outro. Essa é a vertente da cadeia significante. Também o inconsciente-mensagem a decifrar, segundo Freud. É a vertente das formações do inconsciente e a do sintoma que pode ser em parte decifrado. Mas há outra vertente enfatizada por Lacan no final de seu ensino. É o  $S_1$  tomado na dimensão da letra, o  $S_1$  tomado em sua dimensão de real. É a vertente *sinthomatica*, o que não se decifra, a vertente de gozo não simbolizável, não redutível ao significante, a vertente de gozo inerente ao vivente, ao corpo do falante. Ele se situa ali na dimensão do que constitui a essência do homem, na junção do corpo com a linguagem, em relação ao que da linguagem se incorpora ao vivente, o corpo que goza e que fala, que goza ao falar. Nessa zona,  $S_1$  não representa nada e, conseqüentemente, não é simbólico.

A experiência analítica e mais precisamente seu fim dá acesso à solidão do Um. Essa descoberta, essa intervenção do analista havia tocado, modificado sensivelmente alguma coisa do meu ser. O sonho do final surgiu após esse acontecimento. Esse momento de corte em que pude apreender a dimensão mítica da minha história, do mito enquanto ele trata o real, em que pude apreender a natureza de semblante da cadeia significante, essa experiência irá subverter o sujeito suposto saber. Isolar o Um do Outro fez aparecer que toda elucubração de saber é, antes de tudo, produção de gozo. Eu me dava conta de que o próprio analista era apenas o continente vazio que sustentava o desejo de saber do sujeito<sup>4</sup>. Ele próprio um semblante. O sujeito suposto saber do dispositivo havia caído no momento mesmo da descoberta disso ao qual o ser era reduzido.

Somente então pude deixar meu analista. Um final só se tornou possível após ter me dado conta que "querer dizer" é "querer gozar".

O passe no presente me interroga sobre a minha maneira, com meu estilo, de subverter essa proposição: como fazer desse querer gozar um querer dizer singular?

*Tradução: Elisa Monteiro*

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (1998[1975]). "Conferência em Genebra sobre o sintoma". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (23). São Paulo: Edições Eolia, p. 10.

<sup>2</sup> Idem. (2003[1976]). "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 567.

<sup>3</sup> Miller, J.-A. (2006). "O inconsciente real". Orientação Lacaniana III, 9. Seminário inédito, aula de 15/11/2006. Ver também Miller, J.-A. (février, 2007). "L'inconscient réel". In *L'enfant dans la civilisation - Quarto* (88/89). Bruxelles: École de la Cause freudienne, p. 7.

<sup>4</sup> Lacan, J. (2003[1967]). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". *Op. cit.*, p. 255.